

CARTA DE ÁQUILA

Celso Loraschi

Apresentação

O número 192 da série “A Palavra na Vida” do CEBI-Nacional apresentou a “Epístola de Priscila” de autoria de Elsa Tamez, tão querida por todos nós, aprendizes da Bíblia. Foi sua valiosa contribuição na “Conferência sobre o Cristianismo na América Latina e no Caribe: Trajetória, Diagnóstico e Perspectivas”, realizada em São Paulo, nos dias 28 de julho a 10 de agosto de 2003. A epístola faz ecoar para os nossos tempos o que poderiam ser as palavras de uma das mais importantes evangelizadoras e animadoras das primitivas comunidades cristãs: Prisca ou Priscila. São palavras que produzem efeitos especiais em nosso coração, insuflando nele um renovado espírito de coragem e sabedoria para tecer, em mutirão, fio por fio, as relações sociais que desenhem a dignidade e a liberdade criativa dos filhos e filhas de Deus.

No v. 17 do cap. 5 da epístola, Priscila faz referência ao seu companheiro de vida como trabalhador/evangelizador junto com Paulo: “Aquiles, meu querido esposo, e o apóstolo Paulo de Tarso, meu colega, enviam-lhe saudações; ambos estão empenhados tanto na pregação quanto na oficina. O negócio anda mal – o negócio da oficina, é claro – orem pelos artesãos!”

Nesta formulação, podemos distinguir três aspectos: 1º) a questão de gênero, 2º) a questão da evangelização, 3º) a questão do trabalho.

Fiquei imaginando como seria o cotidiano da vida de Priscila e Aquiles (ou Áquila): na sua relação de casal, na relação com a equipe de evangelização com Paulo e na relação com o mundo do trabalho. Inspirado e encorajado pela leitura da “Epístola de Priscila”, quero dar voz a Áquila e deixá-lo expressar-se com muita liberdade para contribuir na temática do presente número de Estudos Bíblicos.

Para isso, baseio-me na realidade possivelmente vivida pelas comunidades cristãs no contexto do primeiro século de nossa era, levantando os desafios e as aspirações para o nosso tempo, com a ajuda de vários autores modernos.

Quero, especialmente, deixar emergir o que atualmente a vida está me permitindo experienciar, casado há dois anos com Edna Maria, após 23 anos de ministério presbiteral na Igreja Católica Romana. Trabalhamos em programas afins, voltados para a defesa e promoção dos direitos das pessoas famintas e da saúde do trabalhador no município de Lages/SC. Sempre que me refiro a Priscila, estou na verdade dialogando com Edna Maria, a quem agradeço suas reflexões e sua valiosa contribuição também neste singelo trabalho.

Capítulo 1

“A sensação mais pura e perfeita da existência do outro (além da evidência física) é quando alguém nos ama de verdade e nos certificamos disso, pasmos, gratos e deslumbrados”¹.

Minha saudação fraterna a todos vocês que promovem a paz e seguem o caminho da verdade, do amor e da justiça!

Sou Áquila e vivo na cidade de Corinto com minha esposa Prisca. Viemos de Roma devido a um decreto do imperador Cláudio (no ano 49) que determinou a expulsão dos judeus que se encontravam na capital do Império, por termos sido considerados agitadores sociais. Acusações, perseguições, expulsões e mortes são comuns neste contexto político em que vivemos.

Porém, urge ler por trás dos acontecimentos. Consideramos o fato forçado de irmos morar em Corinto como um desígnio divino. Logo que aqui chegamos, apareceu o missionário Paulo de Tarso com quem fizemos grande amizade por muitos motivos. Um deles é que Paulo e eu possuímos a mesma habilidade profissional: somos artesãos, mais especificamente, fabricantes de tendas. Prisca e eu o convidamos a hospedar-se em nossa casa e trabalhamos juntos na mesma oficina (cf. At 18).

Através de Paulo, com seu impressionante testemunho de radical mudança de vida, conhecemos a Jesus de Nazaré com sua proposta. Ele a denominava de “Evangelho da Liberdade”. Mexeu muito comigo em muitos aspectos. Quero partilhar alguns com vocês.

Há um costume entre nós, tanto nas conversas como nos escritos, de referir-se ao casal citando o nome do homem em primeiro lugar e quase nunca o nome da esposa. Antes de entrar no Movimento de Jesus era assim também conosco: “Áquila e sua esposa” ou raramente: “Áquila e Prisca, sua esposa”... Eu nem me dava conta de que expressões assim guardam preconceitos introjetados por uma cultura cristalizada a partir da ótica patriarcalista. Não é costume também o marido dar satisfação do seu modo de se comportar tanto na família como na sociedade.

Prisca, a quem desde o tempo do nosso namoro, passei a chamá-la pelo diminutivo “Priscila”, mesmo antes de abraçar a fé cristã, me ajudou a desenvolver o espírito crítico frente a valores estabelecidos por uma sociedade organizada a partir de interesses de grupos dominantes. Confesso que o jeito dela perceber as coisas por um outro ângulo me incomodou por um bom tempo. Como é difícil perceber a realidade de uma forma subversiva! Como é difícil mudar de mentalidade e de atitudes!

É bem como expressa Ivone Gebara: “Quando se trata de rever as relações sociais que são também relações de poder entre mulheres e homens nem sempre percebemos esta problemática à primeira vista. Estamos de tal maneira habituadas/os a viver certos papéis sociais que achamos que eles fazem parte da própria natureza humana.

1. FREIRE, Roberto e BRITO, Fausto, Utopia e paixão, Ed. Rocco, 1988, p.47.

Achamos que os modelos de ser homem e ser mulher sempre foram assim e, portanto, devem ser assim”².

Somando a isso, vivemos num contexto social onde se dá grande importância à opinião alheia. Há muitos olhos que nos vigiam e muitos interesses que interferem em nossa vida. “Sem pedir licença entram em nossa casa e em nossa consciência, limitando, podendo. Fora das paredes domésticas, nossa inserção em uma cultura tem uma força inaudita. Para superá-la precisamos de discernimento”³.

Nossa relação de casal, no caminho do discernimento, algumas vezes, se fez conflituosa por causa de nossas visões diferentes e, especialmente, por causa de nossa maneira de encará-las. Lembro-me das ocasiões em que eu não permitia que Priscila interferisse ou opinasse a respeito da minha vida, das minhas relações sociais, das minhas concepções a respeito de religião e de política, ancoradas em filosofias que orientavam o meu pensamento e formavam a minha consciência... Se eu sempre vivi desse modo, muito bem e tranqüilo, por que deveria mudar agora que optamos pelo casamento?

A convivência cotidiana, como casal, nos leva forçosamente a trilhar o caminho do mútuo reconhecimento ou a adotar atitudes escapistas que nos afundam sempre mais no abismo da superficialidade, da dominação, da submissão silenciosa e, conseqüentemente, da morte do amor.

Reconhecer-se mutuamente é tirar, pouco a pouco, o véu que cobre o rosto verdadeiro e original de cada um de nós; é deixar-se desvendar no mais profundo de si mesmo diante da outra; é derramar-se um diante do outro para matar a sede que temos da verdade, da autenticidade, da cumplicidade sincera, da comunhão que nos plenifica. Sim, porque este processo dialético nos leva para além da alternativa do egoísmo e do altruísmo e permite que dois seres possam ‘perder-se um no outro’ aprofundando, ao mesmo tempo, a identidade própria de cada um⁴.

Priscila tem um jeito todo especial de penetrar no meu coração para fazer emergir a verdade que diz respeito ao nosso relacionamento e à nossa postura dentro do mundo em que estamos inseridos. Para ela, meias palavras não a satisfazem. Aprendi a venerá-la também por isso. A propósito, na língua latina, a palavra “prisca” significa “venerável”. Guiada por convicções forjadas, especialmente, da sua própria condição de mulher não conformada aos princípios dominantes, não desiste de oportunizar diálogos verdadeiros.

São diálogos muitas vezes doloridos porque desenterram coisas que, convenientemente, estavam escondidas por trás da máscara criada para responder às expectativas impostas pela sociedade oficialmente constituída. “Para dizer a verdade, tenho medo do diálogo. Porque receio que os restos de minha fé infantil ou os bastiões de mi-

2. GEBARA, Ivone, “Outro mundo possível sobre novas relações de gênero”, em *Agenda Latino-americana*, 2004, p.222.

3. LUFT, Lya, *Perdas e ganhos*, Rio de Janeiro, Ed. Record, 2004, p.31.

4. BOURDIEU, Pierre, *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil, 2003, p.132.

nha fé ‘igrejista’ acabem por ser varridos para longe em plena luz do dia de uma consciência desencantada”⁵.

A verdade nos leva a tomar consciência de que também nós, homens, somos ‘vítimas de nossa própria dominação’ reproduzida historicamente, pelas três instituições mais influentes no nosso cotidiano: a família, a igreja e a escola⁶. Atritos fazem parte desse processo de desvencilho das falsas seguranças e de mergulho para dentro de nós mesmos. Mas “os atritos são menos danosos do que a dissimulação. O escondido de baixo do tapete é um tumor mais mortal porque oculto”⁷.

Percebo, sempre com mais lucidez, que somente a atenção carinhosa e o diálogo franco e aberto, nos conduzem à verdade que nos liberta e nos faz, cada vez, renascer e amar de forma nova. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”, disse Jesus (Jo 8,32). “Foi para sermos livres que Cristo nos libertou”, escreveu Paulo (Gl 5,1), a quem devemos a preciosa oportunidade de nos lançar por inteiro no movimento de Jesus que não é outro senão a própria dinâmica do amor.

“De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.
Quero vivê-lo em cada vão momento,
E em seu louvor hei de espalhar meu canto,
E rir meu riso e derramar meu pranto,
Ao seu pesar ou seu contentamento.
E assim, quando mais tarde me procure,
Quem sabe a morte, angústia de quem vive,
Quem sabe a solidão, fim de quem ama,
Eu possa me dizer do amor (que tive),
Que não seja imortal, posto que é chama,
Mas que seja infinito enquanto dure”⁸.

Capítulo 2

*“Eu não quero ganhar, eu quero chegar junto...”*⁹

Em nossa casa e em muitas outras, na oficina, nas sinagogas e nas ruas, Paulo não se cansa de anunciar o Evangelho da Liberdade como contra-proposta ao sistema de dominação patriarcalista. São freqüentes as oportunidades de Priscila e eu trocarmos idéias e experiências com outras pessoas engajadas na evangelização, como aconteceu num encontro com Apolo, numa viagem a Éfeso (cf. At 18,24-26). Encontros des-

5. FRONZATO, Alexandre, *Evangelhos que incomodam*, São Paulo, Edições Paulinas, 1975, p.311.

6. Cf. BOURDIEU, Pierre, *A dominação masculina*, p.100-106.

7. LUFT, Lya, *Perdas e ganhos*, p.49.

8. MORAES, Vinícius, Soneto de fidelidade.

9. Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte, Um a um, CD: Os Tribalistas.

te tipo nos ajudam a entender, aprofundar e a vivenciar a proposta de Jesus que a denominamos de “Caminho”.

Temos a alegria de dizer que várias idéias que Paulo pregou e escreveu foram concebidas nestas conversas. Por exemplo, ao escrever aos Gálatas ele define o novo caminho que revoluciona os conceitos dominantes na sociedade greco-romana: “não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus” (Gl 3,28). Sei que esta frase está sendo muito comentada no meio de vocês e está ajudando a superar muitos preconceitos e discriminações. De fato, ela é como o ponto de chegada de um processo difícil pelo qual passamos. Priscila gosta de aplicá-la no cotidiano de nossa vida. Com ela estou aprendendo sempre mais e melhor, eu creio, a adotá-la na prática.

De fato, no contexto cultural em que nos encontramos “a virtude por excelência no âmbito doméstico é a submissão... As mulheres ocupam posição socialmente subordinada, politicamente nula e economicamente relativa... São os homens que ditam a conduta que devem ter as mulheres”¹⁰.

Percebe-se daí a dificuldade de alguns de nós, animadores de comunidades, aceitarem o novo modo de relacionamento doméstico e social decorrente do seguimento de Jesus de Nazaré. É o que se constata em alguns escritos canônicos do Novo Testamento¹¹. Mas isto não é objeto de preocupação nesta carta. O que desejo é partilhar com vocês alguns aspectos de nossa vida de casal, no ensejo de colaborar na construção de uma sociedade alicerçada na igualdade e na justiça, fundamentos da paz.

As dificuldades são imensas como vocês mesmos estão sentindo no contexto do século XXI quando, na lógica, já deveriam estar superados os preconceitos, a discriminação e todo tipo de exclusão. Percebemos que não basta a formação de uma nova consciência. “A dificuldade maior é sem dúvida a prática cotidiana. Nosso corpo foi, de certa forma, moldado para repetir a dança patriarcal em nossos usos, costumes, pensamentos, crenças e concepções da vida. Muitas vezes, tentamos novos passos, mas é como se nossos passos só sentissem segurança nas formas tradicionais de socialização de nosso corpo. Queremos o novo, mas nosso corpo parece repetir os velhos movimentos aprendidos secularmente. Por isso, um austero exercício de mudança se impõe a nós”¹².

É bem verdade, não há caminho pronto: quanto mais se caminha mais aumenta a estrada. Priscila e eu nos propusemos a percorrer o caminho da liberdade em diálogo permanente como amantes e amigos. É, certamente, um meio privilegiado de nos manter vigilantes para a vivência dos valores da igualdade, de um lado, e do respeito à diferença, de outro.

10. ARENS, Eduardo, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, São Paulo, Editora Paulus, 1998, p.76.

11. Sugiuro, neste sentido, a leitura do artigo de Marga J. Ströher, intitulado “Corpos, poderes e saberes nas primeiras comunidades cristãs – Uma aproximação a partir das ‘Cartas Pastorais’”, em *Á flor da pele – Ensaios sobre gênero e corporeidade*, São Leopoldo, Editora Sinodal/CEBI/EST, 2004, p.105-136.

12. GEBARA, Ivone, “Outro mundo possível, p.223.

Constatamos, por exemplo, que se manifesta freqüentemente em nós a tendência possessiva de “segurar” o(a) companheiro(a) dentro de uma moldura criada a partir de interesses pessoais. Percebemos que isto não é maldade: é manifestação de bem-querer; porém, o amor nos leva a dar um passo de qualidade: a liberdade como caminho de realização de cada um de nós deve ser cultivada. Afinal, o casamento nos possibilita a comunhão sempre mais profunda na medida em que respeitamos as características originais que Deus nos deu. O diferente não é o contrário. Torna-se fecundo quando assumido na contemplação e na gratuidade.

A contemplação começa pelo nosso próprio corpo. É o caminho por excelência para a superação da visão dualista própria da cultura grega em que fomos educados. É caminho de superação das concepções impostas pelo sistema de pureza dos sacerdotes do Templo de Jerusalém. É caminho de superação da prática patriarcalista, onde “o corpo masculino é normativo, é a referência para rituais, celebrações e relações com o sagrado. O corpo da mulher é remetido ao *status* da impureza... e, conseqüentemente, a ausência dos corpos das mulheres nos rituais, no contato com o sagrado, implica uma relação negativa com o próprio corpo... O corpo é o espaço geográfico em que essas dicotomias acontecem”¹³.

Como se vê, o desafio é libertar-nos das visões construídas a partir de sistemas dominantes e nos deixar conduzir pelo Espírito que nos impulsiona a “lançar as redes para águas mais profundas” (Lc 5,4). Só a contemplação nos leva à intimidade com a verdade e a beleza dos nossos corpos. As manifestações da natureza própria do corpo da mulher e do homem, longe de caracterizar impurezas e pecados, nos possibilitam a vivenciar este tempo histórico que Deus nos dá, como tempo propício de aprendizagens e descobertas mútuas, levando-nos a exultar de prazer e alegria e a ser eternamente gratos ao autor e fonte de toda vida.

E vai emergindo, pouco a pouco, aquela realidade da “criatura nova” que Paulo aprofunda em suas cartas, libertada dos instintos egoístas, do legalismo e da maldade. É maravilhoso poder ser o que se é e expressar-se na liberdade de quem ama e se sente verdadeiramente amado.

“Poderoso é esse movimento de cavar entre significados construídos há tempos idos. Entre conceitos incrustados de ‘pré-conceitos’, construídos sobre firmes bases patriarcais e androcêntricas. Poderoso é esse ato de poder nomear e de dizer quem se é. Nomear a sua identidade. Dizer o mundo, recolocar e ressignificar palavras. Poder dizer novas palavras, até há pouco não articuladas em contextos acadêmicos, formais, científicos, androcêntricos e patriarcais: menstruação, sangue, parto, fluxos, líquidos, corpos”¹⁴.

Nosso corpo é nossa identidade. Nós não temos um corpo, nós somos corpo. Somos sagrados. Somos a morada de Deus. Sagrados são também o tempo e o espaço

13. NEUENFELDT, Elaine G., “Sangue e fluxos – Poderes e perigos demarcando fronteiras nos corpos de mulheres”, em *À flor da pele – Ensaio sobre gênero e corporeidade*, São Leopoldo, Editora Sinodal/CEBI/EST, 2004, p.98.

14. NEUENFELDT, Elaine G., “Sangue e fluxos”, p.103.

onde se situa o nosso corpo. E tudo adquire um novo sentido: toda palavra, todo gesto, todo olhar...

As pequeninas coisas realizadas em conjunto ou individualmente, mas sempre em comunhão com a pessoa amada e com a humanidade. Todos os gestos, seja o de espanar o pó acumulado sobre os móveis, de acompanhar e avaliar com interesse o trabalho um do outro, de preparar um jantar à espera de amigos ou de relacionar-se na intimidade de nossos corpos, são “faíscas de Deus” (Ct 8,6) porque são reveladores do Seu amor dentro da história humana.

Estas coisas assim concebidas já são, com toda certeza, ações evangelizadoras. Tudo o que realizarmos no âmbito social deverá ser irradiação do mesmo espírito vivificador cultivado no microcosmo do nosso cotidiano. Como escreveu o grande místico Thomas Merton (conservei a frase e o autor, mas não a fonte): “aquele que tentar agir e realizar coisas para os outros ou para o mundo, sem aprofundar a compreensão de si mesmo, sua liberdade, integridade e sua capacidade de amar, nada terá para dar aos outros”.

“Quando o amor nos habita
tudo se torna sagrado.
Não há ‘Terra Santa’,
há uma maneira santa
de caminhar sobre a terra...
É nossa maneira de caminhar sobre a terra
que a torna sagrada.
É nossa maneira de habitar nossa casa
que faz dela um templo.
É nossa maneira de amar no nosso leito
que faz dele um lugar sagrado,
o Santo dos Santos”¹⁵.

Capítulo 3

“Amor, trabalho e conhecimento são as fontes de nossa vida. Deveriam também governá-la”¹⁶.

Nossas conversas com Paulo que se hospedou um bom tempo em nossa casa na cidade de Corinto, muitas vezes giravam em torno da excelência do amor possível de ser assumido em qualquer lugar e em qualquer circunstância, conforme foi expresso no conhecidíssimo ‘hino ao amor’ que as nossas comunidades cristãs proclamam com muita frequência: “...se eu não tivesse o amor, seria como o bronze que soa ou como um címbalo que tine... Se eu não tivesse amor, eu nada seria... de nada me adiantaria” (cf. 1Cor 13).

15. LELOUP, J. Yves, *Uma arte de amar para os nossos tempos – O Cântico dos Cânticos*, Petrópolis, Editora Vozes, 2002, p.74.

16. REICH, Wilhelm, *O assassinato de Cristo*, Rio de Janeiro, Editora Martins Fontes, 1991.

Lembro de como fomos aprofundando a teologia da encarnação de Jesus, o Filho de Deus, exatamente pela vivência do cotidiano construído de um conjunto de pequenas coisas: “ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana” (Fl 2,6-7).

Ora, se Jesus, sendo Deus, consciente e livremente despoja-se de tudo a ponto de assumir a condição de escravo, então, com toda a certeza, o caminho da realização humana não está alicerçado na projeção social, na honra, nas prerrogativas, e nem no enquadramento a um sistema religioso. Mais ainda, se a salvação nos foi dada pela via do esvaziamento de Deus, então, não resta dúvida, nada mais fica sem sentido.

Esta lógica de Deus, totalmente ao reverso da lógica do sistema sócio-político-religioso dos que dominam, nos impulsiona fatalmente a nos inserir na realidade do mundo, numa atitude, sempre renovada, de serviço pela causa da vida sem exclusões. Solidarizar-se com as vítimas do sistema oficial excludente é decorrência natural da adesão à fé em Jesus, servidor dos empobrecidos. Aliás, nossas comunidades cristãs aqui da cidade de Corinto com quem tempos mais contato são, especialmente, constituídas de pessoas marginalizadas (cf. 1Cor 1,26-31).

Aprendemos que uma das formas concretas de solidariedade com as pessoas pobres é a opção pelo trabalho. O exemplo de Paulo ilustra nossa nova concepção. A sua trajetória de conversão o levou a deixar uma posição social privilegiada, a perder amigos, a atrair o ódio de seus irmãos de raça para inserir-se na realidade das pessoas escravizadas, trabalhando com as próprias mãos e anunciando gratuitamente o Evangelho. Fez-se trabalhador com todas as pessoas trabalhadoras, desprezadas e escravizadas.

“Os artesãos e os camponeses em geral eram objeto de desprezo e mofa por parte tanto dos intelectuais como dos aristocratas, que deviam seu bem-estar precisamente ao suor daqueles. Com certeza, não poucos artesãos eram escravos. A designação de ‘artesão’ aplicava-se tanto a artistas, joalheiros e ceramistas, como a pedreiros, mineiros e afins”¹⁷.

O sonho da maioria das pessoas neste mundo greco-romano é levar uma vida tranqüila, dedicada ao estudo, à meditação conforme as propostas das diversas correntes filosóficas existentes no meio de nós. O sonho da maioria é uma vida sem trabalho manual, próprio de corpos escravizados.

“Paulo rompeu com o sonho comum da sociedade daquela época. Rompeu com o que hoje se chama a ideologia dominante, e abriu o caminho para um novo ideal de vida... A grande massa urbana daquele tempo era de escravos... Se Paulo fosse viver e agir como os outros missionários, estaria alimentando, querendo ou não, a ilusão, o sonho irreal de todos. Apresentando-se, porém, como missionário que vive do trabalho de suas próprias mãos, ele provoca uma ruptura: faz com que o Evangelho por ele anunciado apareça não como algo que fica fora das possibilidades dos escravos e tra-

17. ARENS, Eduardo, *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*, p.110.

balhadores, mas sim como algo que faz parte da vida deles. Paulo apresenta um novo sonho, mais realista, diferente do sonho irreal, apresentado e alimentado pela ideologia dominante”¹⁸.

De fato, entendemos que os espaços privilegiados de evangelização e de formação de uma nova consciência são os lugares comuns dos trabalhadores, ou seja, a casa, a oficina, a rua, o campo... Priscila, de modo especial, privilegiava o contato pessoal e gostava de reunir pequenos grupos para conversas informais que proporcionavam partilha da vida de mulheres e homens trabalhadores, marcada com muitas histórias de exploração, de dificuldades, de dúvidas, de medos e, sobretudo, de esperança, muita esperança!

A força subversiva do Evangelho nos fortalecia na opção em favor da classe trabalhadora e escrava, num espírito crítico frente à ideologia dominante que chega a aprisionar a verdade nas teias da injustiça (cf. Rm 1,18). É aí que a proposta de Jesus se torna, de maneira especial, o caminho novo para o estabelecimento de relações justas e fraternas. Nesses encontros, como nos Grupos de Famílias, Grupos de Reflexão ou Círculos Bíblicos em que vocês participam, nossos corpos se reanimam, a energia da ressurreição de Jesus vai tomando conta de todo o nosso ser.

Outra forma de expressar o amor solidário é a mobilização comunitária em favor das pessoas necessitadas. Para citar um exemplo, a coleta que Paulo organizou em favor dos empobrecidos de Jerusalém é alicerçada com profundas motivações teológicas. Ele até evita de usar a palavra ‘coleta’. Prefere dizer que se trata de ‘graça’ ou ‘obra de generosidade’ que todos podem participar, não importando a quantidade de bens que possuem (cf. 2Cor 8).

O que é preciso garantir é o princípio da igualdade: “Quando existe boa vontade, somos bem aceitos com os recursos que temos; pouco importa o que não temos... Neste momento o que está sobrando para vocês vai compensar a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia a compensar a carência de vocês. Assim haverá igualdade” (2Cor 8,12.14).

Lembramos que a partilha segundo a necessidade de cada pessoa é um dos princípios muito antigos legados pela tradição de nossos Pais e Mães na fé, conforme nos testemunha o livro de Êxodo: “a quem recolhia muito, nada lhe sobrava, e a quem recolhia pouco, nada lhe faltava” (cf. 2Cor 15; Ex 16,18)¹⁹. Somos corpos necessitados das condições mínimas garantidoras da vida. A partilha de bens deve ser expressão natural do próprio dom de Deus que, com liberalidade nos concedeu todas as coisas para que as administrássemos com amor prioritário às pessoas empobrecidas. Somos corpos necessitados, mas não objetos de piedade: nos aproximamos, nos ouvimos, nos tocamos e nos descobrimos como construtores de outros mundos possíveis.

18. MESTERS, Carlos, *Paulo apóstolo – Um trabalhador que anuncia o evangelho*, São Paulo, Editora Paulinas, 1991, p.57-58.

19. Cf. BORTOLINI, José, *A segunda carta aos Coríntios – O agente de pastoral e o poder*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992, p.48-54.

Em quase todas as nossas cidades há um forte clamor de gente abandonada, em situação de fome, doença e solidão. São situações emergenciais que requerem imediata mobilização de todas as pessoas de boa vontade. Muitas pessoas e comunidades estão bem envolvidas nesta tarefa de concretizar a igualdade e a justiça na partilha concreta dos bens e na disponibilidade de servir segundo os dons de cada um.

Pequenas iniciativas inspiradas pelo espírito criativo de cada grupo são sinais reveladores do carinho e do poder de Deus no meio dos pobres, “poder como capacidade de encontrar novas formas de organização com vistas a uma vida qualitativamente melhor: grupos de artesanato, cooperativas, pequeno comércio, etc. Tudo isso é o poder como capacidade de viver, como possibilidade de transformação, embora a um nível bastante limitado e não revolucionário segundo nossas teorias”²⁰.

As iniciativas de solidariedade no meio do povo, além de manifestar a capacidade de “beber do próprio poço”, exerce a função de interpelar toda a sociedade chamada a superar as práticas assistencialistas: “é preciso aprender a lição de ética que dá o povo da rua quando reparte o pouco que tem, para que todos sobrevivam. Essa ética popular, com mais razão, interpela a sociedade a repartir a abundância para que todos vivam humanamente, hoje e no futuro”²¹.

A prática solidária no meio do povo interpela também o poder político que, por própria razão de ser, é o garantidor das condições fundamentais para a vida digna de todas as pessoas. O poder público precisa transformar-se em “políticas públicas”, onde não se pode deixar de prescindir dos corpos das mulheres e homens; o planejamento de suas ações e a escolha das prioridades devem ser feitos a partir da aproximação e da escuta atenta dos corpos das pessoas necessitadas.

Priscila, através da voz de Elsa Tamez, faz o apelo: “jamais se esqueçam dos pobres em sua teologia, seu ensino e sua prática, sobretudo hoje em dia, em que a existência deles em grande número reflete a inumanidade de toda a sociedade. Pois a emancipação é completada quando todos e todas somos emancipados em plenitude”²². É esta a consciência que herdamos da prática de Jesus de Nazaré e que temos como propósito nas visitas, nas pregações e também ao nos relacionar (vários participantes de nossas comunidades são funcionários públicos), às vezes com muita dificuldade, com os poderes constituídos.

Na tradição grega em que nos encontramos, a política tem um valor especial. Percebemos, porém, que normalmente é confundida com luta por ideologias abstratas quando, na verdade, deveria ser expressão suprema da caridade, concebendo e desenvolvendo projetos concretos segundo as necessidades de cada lugar²³.

20. NAVIA VELASCO, Carmiña, citando Ivone Gebara no artigo “Mulher e neoliberalismo – Contribuição para uma leitura bíblica”, em *RIBLA*, vol.37, Petrópolis, Editora Vozes, 2000, p.114.

21. CNBB, “Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome”, *Coleção Documentos da CNBB*, vol.69, São Paulo, Edições Paulinas, 2002, p.23.

22. TAMEZ, Elsa, “Epístola de Priscila 5,10”, em *A Palavra na Vida*, vol.192, São Leopoldo, CEBI, 2003, p.16.

23. Cf. “Bíblia e cidadania”, em *A Palavra na Vida*, vol.100, São Leopoldo, CEBI, 1996.

Ao que pesem as dificuldades neste sentido, “buscar a própria segurança a partir de dentro, é o caminho da autonomia no Espírito Santo. Mas esse caminho só é conseguido pelo amor, que vence o medo. O amor, entretanto, interioriza as necessidades das outras pessoas em nós, por isso não há contradição entre liberdade e obediência. Em outras palavras, é a vivência do poder pelo serviço, pois as exigências das outras pessoas mostram-se a nós como motivação interna”²⁴.

Priscila e eu, com a comunhão que nos une e com as diferenças que nos distinguem; com a experiência de fé, de amor e de esperança com Paulo e com tantas pessoas que abraçam o Evangelho da Liberdade, enviamos a vocês o nosso abraço carinhoso. Temos a plena convicção de estarmos, quer queiramos ou não, intimamente ligados uns aos outros num só Corpo (cf. 1Cor 12). Nele não há membros mais ou menos nobres, nem funções mais ou menos importantes. A interdependência nos obriga a reconhecer que o modo como nos acolhemos uns aos outros e como cuidamos uns dos outros determina o destino da humanidade.

“Libertar a carne e o espírito: Coração, Cabeça e Estômago.
O verbo, o ventre, o pé, o sexo, o cérebro: tudo o que pode ser e ainda não é...
Achar (ou inventar) um lugar tão humano como o corpo,
Onde pensar e brincar seja livre e tão legal
Como as razões de Estado ou como fazer justiça”²⁵. – Áquila

Celso Loraschi
rua Cruz e Souza 425 ap.504
Bairro Brusque
88.501-400 Lages/SC
qtzl@ibest.com.br

24. GAMELEIRA, Sebastião Armando, “A cidadania em Paulo”, em *Bíblia e cidadania – Dignidade, comunidade e utopia*, vol.137/138, São Leopoldo, CEBI, 2003, p.29.

25. BELCHIOR, *Bel-Prazer*, CD: Todos os Sentidos.